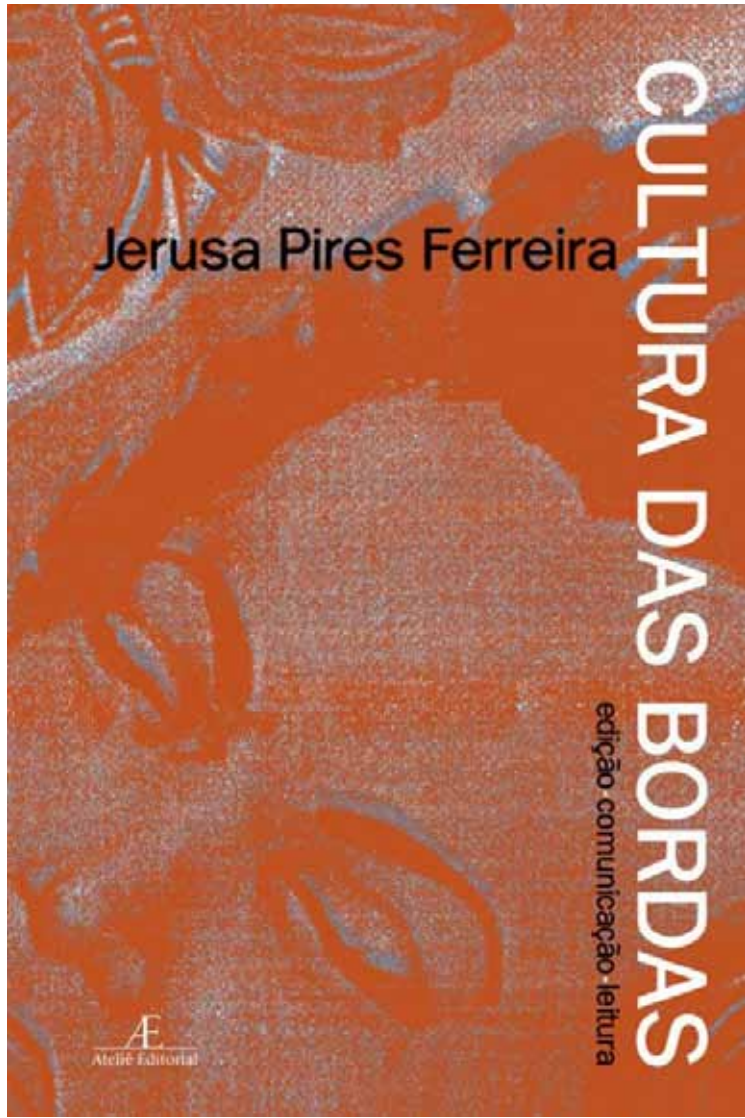


Projeto e atitudes: os vinte e cinco anos de Bordas



Cultura das bordas. Capa do livro de Jerusa Pires Ferreira.

Jerusa Pires Ferreira

Livre-docente em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autora, entre outros livros, de *Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura*. Cotia: Ateliê, 2010. jpfer@uol.com.br

Project and attitudes: twenty-five years of Borders

Jerusa Pires Ferreira

RESUMEN

Ao fazer um levantamento de editoras, autores e livros populares, acredito que pude trazer uma colaboração concreta para se pensar o tema. Desse modo, cheguei à noção de cultura das bordas, que inclui vários segmentos do que compreende o universo do livro e da edição popular. Gradações e limites estiveram em questão, periferias urbanas, outros temas, circuitos não convencionais, imaginários recorrentes, conjunções inesperadas. O projeto Cultura das bordas, que define sem definir e nos leva a pensar, como disse antes, que bordas é uma poética cosmopolítica. Este breve depoimento sobre história da leitura e da edição pretende trazer à baila situações, tópicos, temas conceitos e trabalhos desenvolvidos durante a minha carreira e em desenvolvimento.

PALABRAS CLAVE: cultura das bordas; cultura popular; história da edição.

ABSTRACT

I believe that a survey of publishers, authors and popular books helps to think about the topic. Thus, I came to the concept of culture of borders, which includes several segments of the universe of books and popular publishing. We tackled gradations and limits, urban peripheries, other topics, unconventional circuits, recurrent imaginaries, and unexpected conjunctions. Here continues the Culture of borders project, which defines without defining and leads us to think that borders are a cosmopolitan poetics. This brief testimony on the history of reading and publishing, aims to bring up situations, topics, themes, and concepts developed during our career and in our works in progress.

KEYWORDS: culture of borders; popular culture; history of publishing.



Há vinte e cinco anos, eu voltava da Alemanha, depois de uma temporada de pesquisa (com bolsa de pós-doc DAAD/Fapesp), com muitas descobertas sobre os Faustos, a verdadeira rede de textos populares e popularescos que veiculavam a história do doutor pactário à qual eu reunia achados sobre a lenda de São Cipriano, trabalho que me abriu espantosas conexões. Diante de mim, um novo mundo se oferecia. Foi então que conheci de perto Rubens Lucchetti, que vivia em Ribeirão Preto. Uma rede se formou e a minha perspectiva sobre cultura foi se alterando, lenta, mas definitivamente.

Para além do que costumamos chamar cultura popular, aquela legitimada, guardando “a memória do povo”, se estendia, desbordante e inclassificável, todo um mundo em suas condições específicas, em conti-

guidade às culturas de massas, em movimento permanente. Personagens e autores foram escutados, espaços percorridos em busca de editores e autores populares e do conhecimento e reconhecimento de editoras atuantes em espaços não consagrados. Foram descobertos circuitos que incluíam atitudes, didáticas e procedimentos para alcançar públicos à deriva. Escrevendo sobre alguns desses autores, levantando tópicos, temas e situações de leitura, entendimento, criação e recriação e tendo em mãos farto material de pesquisa, abasteci de imaginação meus cursos e o meu próprio pensamento.

Acreditei que é impossível pensar em dicotomias estabelecendo limites entre popular e erudito, central e periférico. Seria melhor pensar na ampliação de domínios, intersecção e mobilidade, franqueamento de limites. Fui tentando fazer uma conexão, percebendo que alguns desses autores desenvolviam complexa atuação junto às editoras que têm como público leitores e ouvintes com um pé na tradição e outro na modernização possível. Assim, a partir da extraordinária figura de Rubens Francisco Lucchetti, autor e personagem, consegui propor o conceito de cultura das bordas. Não se tratava e nem se trata ainda de referir tão somente ao mundo periférico, mas de perceber a maneira pela qual a cultura se processa nesse mar de possíveis, fazendo circular segmentos e estratos, os mais diversos, em permanente relação.

Viajei e comprometi amigos e pessoas com a descoberta desse mundo. Fui estabelecendo redes de contacto, artistas e pesquisadores que tinham aí sua motivação inovadora. Ao transmitir a José Paulo Paes esse entusiasmo conector, pude encaminhar a ele textos, contos de mistério e terror de Lucchetti, publicados na Difel, portanto, de certa maneira, fora do circuito das bordas. Por outro lado, fui aprendendo de que modo tudo isso seguia o cruzamento de linguagens e experiências: multimeios. Contaria com os textos cinematográficos de Ivan Cardoso, com o trabalho conjunto de Boris Kossoy e Lucchetti, com a percepção reveladora de Carlos Reichenbach, companheiro de indagações fáusticas e a leitura dos textos de Josette Monzani.

A percepção da heteronímia em Lucchetti levou a que, ao invés de considerar uma atividade trivializante, eu pudesse mergulhar em ubiquidades complexas, em pertencas múltiplas. Exemplifico: o mesmo autor/criador pode participar de mundos aparentemente antagônicos. Lucchetti, para quem Machado de Assis e Edgar Allan Poe são referências permanentes, nos ensina que a sua leitura tem acentos especiais. E em sua espantosa biblioteca, hoje na cidade de Jardinópolis, ele e o filho, o também escritor e pesquisador, Marco Aurélio Lucchetti, doutor pela USP, em meio a muitos livros, podem nos oferecer uma foto muito bela de Adriane Galisteu em tamanho natural.

No livro que publicamos¹, numa das muitas entrevistas com ele, percebemos a sua teorização e clareza ao dizer, como sempre, que é um ficcionista (polimorfo e atuante) e que chamá-lo de escritor “é como colocar um elevador num alpendre”. Isto é bordas.

A essas descobertas viria junto o trabalho desenvolvido com Valdir Baptista sobre os faustos latino-americanos. Desde então, além dos autores de cordel e das razões míticas apresentadas em *Fausto no horizonte*², passei a observar culturalizações várias do Fausto no circuito que chamei de bordas. Fui observando desde aqueles textos autorais de criadores populares, popularescos, até as adaptações do famoso *Fausto* de Goethe feitas por essas editoras populares.



¹Rubens Francisco Lucchetti: o homem de 1000 livros. Entrevistado por Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 2008.

²FERREIRA, Jerusa Pires. *Fausto no horizonte*. São Paulo: Educ/Hucitec, 1995.

³ Ver <http://revistas.pucsp.br/index.php/bordas>.

⁴ FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura das bordas*: edição, comunicação, leitura. Cotia: Ateliê, 2010.

⁵ FERREIRA, Jerusa Pires e AGRA, Lúcio. DVDs *Bordas*. Programas gravados entre 2007/2008. Realização: TV PUC-SP, 2008.

Na pesquisa realizada, com base em materiais da Editora João do Rio, que venho estudando também há mais de vinte anos, foi descoberto um livrinho do Fausto, datado de 1928, adaptado, mutilado e reinventado, a partir da tradução de Gustavo Barroso, procedimento semelhante ao de certas edições espanholas e catalãs que se destinavam a públicos populares. Daí também são acompanhadas fusões como as do Fausto com o Quixote, deslocamentos à maneira do Fausto estampado em caixas de charutos de Havana/Cuba ou mestiçagens culturais que fazem com que a ama de Margarida seja uma negra escrava.

Nessa esfera de pesquisa e pensamento sobre segmentos que aproximam a tradição com as práticas do momento, um autor como Fred Jorge, escritor e letrista, que vivia em Taubaté, respondendo por várias páginas de nosso cancionário popular, nos oferece textos como *Cartas de Amor*, lidos, copiados e transmitidos numa dimensão que muitas vezes nos escapa. Percebi seu encantamento e utilidade ao ver um desses volumes lido por um porteiro de prédio, no encarceramento da caixa de vidro em que passa a noite para zelar pelo nosso sossego. Haverá espaço central, limitado, definido mais propício para o desenvolvimento de uma cultura das bordas?

Por isso, bordas hoje é para mim quase marca e chancela. Essa ideia corresponde a um projeto, a uma atitude teórica que foi sendo construída das reflexões às práticas de ensino. E também um desafio, solução para alguns impasses e nomenclaturas. Pode ser até uma espécie de contracânone, a liberdade de assumir heterodoxias e o equilíbrio precário de tudo que pode estar nas beiras dos sistemas instituídos.

O projeto básico prossegue e vai se multiplicando em artigos diversos, em revista eletrônica³, em livro⁴ e no conjunto de CDs⁵ produzidos pela Tevê PUC-SP. Situo bordas enquanto uma cosmopolítica. Assim, a proposta consiste em pensar cultura e transmitir a públicos vários uma forma deliberada de acompanhar, tanto a história em construção quanto os ensinamentos de artistas: das artes, das técnicas, dos dispositivos frente ao social.



Depoimento recebido e aprovado em julho de 2014.